



FAXINFORME

CLIPPING

Tiragem: 110.500

Área: 2485cm²/ 71%

VISÃO



Data: 07.06.2012

Tipo: Revista Nacional Semanal

Secção: Notícias

FOTO

Cores: 4 Cores **Pág:**1;3;36;37;38;39;40

Investigação
Ex-empresa de Relvas
suspeita na
'Operação Furacão'
Página 36



FAXINFORME

CLIPPING

VISÃO

Tiragem: 110.500

Área: 2485cm²/ 71%



Data: 07.06.2012

Tipo: Revista Nacional Semanal

Secção: Notícias

FOTO

Cores: 4 Cores Pág:1;3;36;37;38;39;40



38 Ex-empresa de Relvas sob suspeita

A Finertec, empresa de que Miguel Relvas foi administrador entre 2007 e maio do ano passado, é suspeita na megaoperação que investiga casos de branqueamento de capitais, fraude e evasão fiscal



FAXINFORME

CLIPPING

Tiragem: 110.500

Área: 2485cm²/ 71%

VISÃO

Data: 07.06.2012

Tipo: Revista Nacional Semanal

Secção: Notícias

FOTO

Cores: 4 Cores Pág:1;3;36;37;38;39;40



**PORTUGAL
INVESTIGAÇÃO**

O que é a Finertec?

A empresa que Miguel Relvas administrou, até maio do ano passado, foi investigada na Operação Furacão. O banco de Cabo Verde que aparece nos registos como proprietário da Finertec tem três arguidos por suspeitas de branqueamento de capitais, fraude e evasão fiscal. A VISÃO reconstitui os meandros complexos de uma empresa, sediada em Lisboa, com ligações a Angola. A reunião que Relvas manteve com a Ongoing, onde estava Jorge Silva Carvalho, conhecida na semana passada, puxou o fio à meada

POR PAULO PENA E RICARDO FONSECA

SÃO BENTO

Miguel Relvas foi confrontado pelos deputados com a omissão de um encontro com Silva Carvalho, uma notícia revelada pela VISÃO



FAXINFORME

CLIPPING

VISÃO

Tiragem: 110.500

Área: 2485cm²/ 71%



Data: 07.06.2012

Tipo: Revista Nacional Semanal

Secção: Notícias

FOTO

Cores: 4 Cores **Pág:**1;3;36;37;38;39;40





PORTUGAL INVESTIGAÇÃO

Miguel Relvas sabe jogar na antecipação. Na semana passada, sabendo que a VISÃO iria noticiar a reunião de negócios em que participara, com Jorge Silva Carvalho, entre a Finertec e a Ongoing, em 30 de março do ano passado, resolveu fazer duas coisas. Decidiu não responder à VISÃO, que o questionara, na terça-feira. E prontificou-se, no dia seguinte, a falar aos deputados. Começou por ler uma declaração onde admitia o encontro.

Desta vez (ver caixa), voltou a não responder às perguntas que lhe enviámos. Perante os parlamentares, o ministro procurou desvalorizar o caso. Negou tê-lo omitido aos deputados, na primeira audição. Disse estar «de consciência tranquila» quanto à sua carreira enquanto administrador da Finertec, entre setembro de 2008 e maio de 2011.

A VISÃO sabe que aquela empresa foi investigada na *Operação Furacão*, na sequência de suspeitas de fraude e evasão fiscal que recaem, também, sobre o Banco Fiduciário Internacional (BFI), com sede em Cabo Verde, que aparece nos registos oficiais como o seu único acionista. Segundo fonte da investigação, já foram constituídos três arguidos. Os factos em investigação remontam a 2006, dois anos antes da entrada em funções de Relvas, que não consta da lista de suspeitos deste processo.

O DONO ESCONDIDO

Se uma empresa se quiser resguardar da curiosidade pública, este é um guião quase perfeito. Uma Sociedade Anónima, como é a Finertec - Serviços, Consultoria e Participações Financeiras, pode registar-se em Lisboa, na 2.^a Conservatória do Registo Comercial. Declara-se detida a 100% por um Banco Fiduciário Internacional, também c/c uma Sociedade Anónima, com sede na Cidade da Praia. E, se o respetivo dono assim o entender, nunca se chegará a saber a quem pertence.

E, neste caso, o Banco Fiduciário Internacional (BFI), inscrito em Cabo Verde como *offshore*, nega ser proprietário da Finertec.

O dono desta empresa é Braz da Silva, como revelou Miguel Relvas, na audição parlamentar de 30 de maio último. Embora provar isso seja difícil. O próprio, ao



BRAZ DA SILVA
O dono da Finertec,
a empresa que Miguel
Relvas administrou

Na conservatória aparece o BFI, mas o proprietário era um fundo fechado. Sou o principal acionista'

Braz da Silva, Presidente da Finertec

longo dos últimos anos, nunca o admitiu. Em janeiro de 2011, ao *Expresso*, dizia: «Não tenho cargo nenhum. Não faço parte de nenhum órgão social. Mas também não posso dizer que não seja dono.»

Só o confirmou à VISÃO, depois de

muita insistência. Depois de cinco telefonemas que o apanharam, invariavelmente, «em reunião». Depois de dois e-mails, enviados desde a semana passada.

Não foi o único a evitar o esclarecimento de uma questão aparentemente tão simples. Do BFI atende-nos o diretor-executivo Dennis Schofield, num português quase sem sotaque: «Tenho instruções para não prestar declarações sobre esse assunto. Foram escritas falsidades. Não vou falar... desculpe mas tenho de desligar o telefone.» Perguntámos apenas qual era a composição acionista do banco. Nem chegámos a perguntar se o BFI é proprietário da Fi-



JORGE ROSÁRIO TEIXEIRA O procurador responsável pela *Operação Furacão* investigou suspeitas de fraude fiscal na Finertec e no Banco Fiduciário Internacional

nerterec. Frustrada foi também a tentativa de ouvir o presidente do conselho de administração daquele banco, Alexandre Pessoa de Lucena e Valle, residente em Lisboa, a quem deixámos mensagem no telefone de sua casa.

Ao fim da tarde de fecho desta edição, recebemos um lacónico «desmentido», assinado por Valle, numa folha timbrada do BFI: «É falso que o Banco Fiduciário Internacional detenha a Finertec, pois a verdade é que não tem qualquer participação nesta sociedade.»

É bem mais complicado do que isso... O banco aparece registado como dono da Finertec, nos registos oficiais. Mas não é, bem, o dono... Braz da Silva explica: «Por questões técnicas, os bancos podem fazer fundos fechados de participação em sociedades. Foi o que aconteceu. Na conservatória aparece o BFI mas o proprietário da Finertec era um fundo de clientes do banco.» Clientes especiais. Desde logo, o próprio Braz da Silva, que foi administrador do BFI até «há seis meses», e a sua família. Entre a qual se encontra outro José Braz da Silva, o seu filho, que agora substitui o pai nos corpos sociais da instituição de Cabo Verde.

Hoje, garante Braz da Silva, a situação é mais clara: «A Finertec é da minha holding pessoal, sou o principal acionista. Os restantes são da minha família.» Mas o registo comercial ainda não foi atualizado. E o BFI, que não aceitou esclarecer mais

nada, ameaçou a VISÃO com uma ação judicial «na defesa do seu bom nome».

AS SUSPEITAS DE EVASÃO FISCAL

Em março de 2011, durante o julgamento do caso BPN, um inspetor tributário das Finanças explicou, segundo a Lusa, que o BFI foi criado com um objetivo: «Tinha como finalidade servir os empresários angolanos que queriam meter o dinheiro fora de Angola.»

Porém, o BFI desmente ter «tido qualquer ligação ao Banco Insular ou ao chamado caso BPN». E Braz da Silva, ex-administrador daquele banco, reforça à VISÃO: «Nunca houve nenhuma ligação entre nós e o BPN.»

De facto, a relação descrita pelo inspetor tributário, em julgamento, entre o BPN e o BFI era uma, concreta: José Vaz de Mascarenhas, o criador do Banco Insular (por onde passou muita da alegada contabilidade paralela do BPN) foi, também, o «consultor» escolhido para tratar do processo de legalização do Fiduciário. Mascarenhas, que é um dos arguidos no processo de Oliveira Costa, assume à VISÃO que preparou os «dossiês do pedido de autorização» junto das autoridades cabo-verdianas. Mas garante que agiu sempre dentro da legalidade. Braz da Silva reconhece-lhe uma competência única: «Era consultor do Governo de Cabo Verde e conhecia a legislação melhor que ninguém.» Tê-la-á, até, ajudado a escrever, garante fonte judicial.

Estávamos em 2002. O primeiro «chefe» do Fiduciário foi Diogo Viana, que tinha a seu lado outros nove sócios (o número exigido pela legislação local). Era, também, o principal responsável de uma consultora, especializada em «engenharia financeira e planeamento fiscal», a Finatlantic, apanhada nas malhas da *Operação Furacão*, lançada no final de 2005, a partir de investigações à contabi-

Sem resposta As perguntas que a VISÃO enviou a Miguel Relvas

1 Garantiu aos deputados, no dia 30/5/2012, que a empresa de que foi administrador até maio de 2011, a Finertec, «é uma empresa de capitais portugueses». Tanto quanto conseguimos apurar, o único proprietário da Finertec, com 100% do capital da empresa, é um *offshore* sediado em Cabo Verde, denominado Banco Fiduciário Internacional. Quem lhe deu a informação de que os seus proprietários são portugueses?

2 Deseja alterar alguma parte dessa declaração feita no Parlamento?

3 O Banco Fiduciário Internacional, único proprietário da Finertec, foi alvo de buscas na denominada *Operação Furacão*, por suspeitas de evasão fiscal, e foi, há um mês, referido no julgamento do caso BPN, por um inspetor tributário que trabalhou com a investigação do DCIAP, como tendo sido criado para «empresários angolanos, que queriam pôr dinheiro fora de Angola». Conhecia estas duas acusações feitas por instituições judiciais portuguesas?

4 Pode dar-nos alguma indicação de quais foram as áreas concretas em que trabalhou, ao longo do seu mandato enquanto administrador da Finertec?



CIDADE DA PRAIA É em Cabo Verde que está registado o Banco Fiduciário Internacional, como offshore

► lidade de quatro bancos – BES, BCP, BPN e Finibanco. A empresa era suspeita de facilitar formas de evasão fiscal a alguns clientes (vários casos foram, entretanto, arquivados, por ter havido lugar ao pagamento das verbas exigidas pelo Estado).

Da Finatlantic, os investigadores passaram ao Banco Fiduciário Internacional, de Cabo Verde, seguindo as pistas recolhidas. Diogo Viana tinha saído do banco, em 2004. Mas a VISÃO apurou que existem três arguidos do BFI num dos onze processos em curso do Furação. E a própria Finertec, enquanto empresa do «universo BFI», também foi alvo da atenção da equipa liderada pelo procurador Rosário Teixeira.

Braz da Silva – que não é arguido – desconhece esta investigação e garante que «não há arguidos no board do BFI».

ANGOLA E BRASIL

Lucena e Valle é o atual responsável do BFI, mas não aceitou falar com a VISÃO. A sua presença neste banco surge numa altura em que estava afastado da ribalta há vários anos. Foi deputado na antiga Assembleia Nacional, tendo sido um dos parlamentares que assinaram o livro de presenças, no dia 25 de Abril de 1974, quando a revolução já estava na rua. Foi dirigente da Tabaqueira (nacionalizada) e um dos signatários, em 2004, do Compromisso Portugal.

Já Braz da Silva teve com a fama uma relação inversa. Apareceu, «desconhecido», como notou a imprensa, vindo

de Angola, onde reside há 20 anos, para anunciar uma pré-candidatura à presidência do Sporting, em inícios de 2011. Acabaria por desistir, apesar do «fundo de 100 milhões de euros» que anunciou. Surgiu retratado como «alto dirigente da Fundação José Eduardo dos Santos» (DN) e «representante de interesses angolanos em Portugal» (Expresso).

Um dos mais destacados angolanos que colaboram com Braz da Silva é António Maurício, ex-vice-presidente da fundação do Presidente de Angola. Homem ligado a vários negócios em Luanda e tido como muito influente e próximo das cúpulas do MPLA.

Hoje, Maurício é administrador não-executivo da Finertec e um dos principais investidores na operação de compra, por esta empresa, da Construtora do Tâmega.

Braz da Silva assume que a maior parte dos negócios da Finertec se passam em Angola. «A minha base é Luanda», diz, criticando os holofotes que se viraram para a sua empresa em Portugal. Desvaloriza, até, o papel de Miguel Relvas na

┌ Tenho instruções para não prestar declarações sobre esse assunto. Vou desligar..!

Dennis Schofield, Director-executivo do BFI

faturação: «Não se fez, desde a entrada do Dr. Miguel Relvas, nenhum negócio de relevo.» Isto, apesar dos sucessivos aumentos de capital. Em 2007 a empresa tinha 50 mil euros de capital; em 2008 4.300 mil e, um ano mais tarde, 8 000 000.

No último ano, o ministro declarou ter recebido 229 337 euros de rendimentos. O que equivale a um salário bruto de 16 mil euros mensais, como administrador da Finertec. Miguel Relvas recusou-se a explicar qual era o seu papel naquela empresa de consultoria que gere várias subsidiárias no setor da energia, e tem como maiores valências «a construção, a engenharia e os projetos».

A ligação com a Ongoing nunca se chegou a oficializar com qualquer contrato. Só um memorando de entendimento, entre duas empresas que procuravam oportunidades na terra dos kwanzas. E no Brasil. De um lado, estava um grupo em que pontificava um ex-diretor do SIED, com especial relevância em Angola. Do outro, encontrava-se uma empresa que conhecia bem aquele país africano e tinha, nos seus quadros, um político experiente, com bons contactos em ambos os lados do Atlântico.

Um político que recebeu total cobertura do primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, durante o debate parlamentar da semana passada. Apesar das críticas que influentes sociais-democratas, como Marcelo Rebelo de Sousa e Pacheco Pereira, lhe dirigiram. ▣